

ENSAIO | PEER REVIEWED

Perspectivas Negras e Indígenas Latinas Sobre Liderança da Musicoterapia Ocidental e a Colonialidade

Natalia Álvarez-Figueroa ^{1*}, ezequiel bautista ²

¹ Resilient Rhythms; Bilingual trauma-focused (music) therapy services, consulting, training & education, EUA

² No affiliation

* resilientrhythms@gmail.com

Recebido 16 de março de 2025; Aceito 9 de setembro de 2025; Publicado 3 de novembro de 2025

Editores: Juan Pedro Zambonini, Virginia Tosto

Revisora: Gabriela Sofia Asch-Ortiz

Resumo

Este ensaio acadêmico latino-americano é um trabalho colaborativo sobre as respectivas experiências de um musicoterapeuta negro e de um musicoterapeuta indígena latino dentro da academia colonial. Destacamos memórias pertinentes de nossas respectivas formações e experiências educacionais que promoveram a negação do eu ou o autoapagamento por meio da assimilação. A colaboração começou quando a eleição presidencial de 2024 se aproximava e, portanto, um estresse adicional para rejeitar estruturas clínicas não políticas permeia o corpo do trabalho. O ensaio latino-americano termina com um apelo à ação que se concentra na musicalidade e na humildade cultural, ao mesmo tempo em que oferece práticas alternativas nos EUA.

Palavras-chave: perspectivas negras e indígenas latinas; academia anticolonial; nossos ritos; nosso som

Comentário Editorial

Isso não será confortável. Ao se deparar com cada convite oferecido pelos autores, reserve um tempo para observar a si mesmo. Observe até mesmo suas reações corporais ao lidar com o poder. Os momentos em que você se afasta, resiste ou responde rapidamente revelam os domínios do poder colonial que metabolizamos em nossas identidades. Esses são os lugares que exigem uma reimaginação—não por meio de uma única história, mas por meio de uma visão ampla e plural que restaure a dignidade para nós mesmos, nossos pacientes, alunos e colegas.

Encorajamos o leitor a considerar isso como um convite para ir além dos estilos acadêmicos convencionais de escrita, que muitas vezes esterilizam, “limpam” ou higienizam a vida que há em nós. Mergulhe na vastidão que nos encoraja a entrar com toda a nossa humanidade e apoie-se nesse fundo de conhecimento antes de exigir mais trabalho das pessoas marginalizadas. Ao longo do ensaio, também faremos anotações sobre pontos-chave considerados importantes para este formato acadêmico. A fim de demonstrar fidelidade ao modelo acadêmico do ensaio latino-americano, observamos nossas respectivas perspectivas e uso da voz a partir de nossas lentes culturais em primeira pessoa. Exploramos perspectivas críticas informadas por tais lentes, bem como pesquisas pré-existentes. Várias fontes de conhecimento serão destacadas com a intenção de expandir o conhecimento e convidar à integração delas para o aprimoramento de nossa área: a musicoterapia. Não ocuparemos muito espaço com a história da musicoterapia como profissão, mas faremos referência à longa história da música como cura em muitas culturas indígenas.

No momento em que escrevemos este artigo, os EUA estão em transição para uma nova administração política—uma que traz um revigoramento do medo e da confusão em nossas comunidades, bem como da violência contra elas. Com isso, sentimos a força de estarmos juntos. O coletivismo enraizado na ajuda mútua e nos recursos comunitários tem sido frequentemente a base para nosso povo e nossos movimentos sociais.

Como Tim Honig e Susan Hadley (2024) nos desafiaram em um volume anterior do *Voices*, nossas vidas como musicoterapeutas estão impregnadas de política humana. As Américas têm sido o lar de comunidades indígenas há milhares de anos, apesar dos esforços insidiosos para apagá-las. As campanhas para a erradicação dos povos negros e indígenas e do seu conhecimento em todas as nossas regiões geográficas e locais profissionais continuam (Dunbar-Ortiz, 2014; Mignolo, 2005).

Nós nos desenvolvemos como musicoterapeutas cercados pela branquitude. As últimas três análises da força de trabalho realizadas pela American Music Therapy Association (AMTA) (2021, 2018, 2014) ilustraram como a branquitude manteve sua posição no pódio, com pessoas brancas representando 88,8%, 88,4% e 88,3% dos musicoterapeutas nos Estados Unidos na última década. Uma investigação crítica, relativa às modalidades de formação, processos de credenciamento e órgãos reguladores dentro da profissão, pode fornecer algumas pistas sobre essa prevalência. O fato de isso ser resultado de uma construção deliberada nos dá a consciência de que também pode, de fato, ser desconstruído. Jasmine Edwards (2024) nos lembra: o eurocentrismo faz parte do código genético da prática da musicoterapia. Esta instituição predominantemente branca afirma ser uma profissão de ajuda a todas as comunidades e, por essa razão, oferecemos este ensaio como uma voz adicional no desafio ao nosso sistema.

Este ensaio foi escrito com profunda reflexão e como um apelo à ação com resposta crítica.

Segunda-feira

À medida que as crostas na minha pele se levantam e minhas cicatrizes começam a aparecer...
três incisões que me lembram o que meu corpo acabou de suportar.
Meu corpo, cuja autonomia virou tema de debate político...
embora nenhum deles fosse sofrer se minha menstruação atrasasse.
Os miomas nos meus ligamentos e no meu útero, os cistos...
A inflamação, as pontadas repentinas e a fadiga crônica constante.
Menos de duas semanas depois da cirurgia,
eu já ESTOU voltando ao trabalho.
Enquanto me preparo para começar a segunda-feira,

temo que as notícias sejam as piores.
Mais uma ordem executiva me dizendo que sou menos humana, com menos direitos.
por ser uma pessoa negra, indígena ou de cor, queer, neurodivergente, falante de espanhol e comprometida com diversidade, equidade e inclusão.
Eles pintam um quadro para nos convencer
de que diversidade, equidade e inclusão são coisas “woke” e supérfluas—
mas me diga: depois que tiverem vindo atrás de todos nós, você realmente acha que será bilionário?
As ordens executivas que congelam financiamentos
ameaçam o sustento de muitos.
E muitos de nós fazemos contas,
contando cada centavo até o fim.
Não é de se admirar que estejamos aqui,
mais uma vez lutando por nossas vidas...
porque foram eles que transformaram em questão política
o simples fato de termos direitos.
E por isso estou aqui, para te lembrar de muitas coisas que você não teria...
se o nosso trabalho e a nossa inovação ainda fossem mandados a esperar calados.
Nossa inteligência e nossas capacidades foram o que construíram esta grande nação...
e, por temerem nosso poder, tentam impedir nossa libertação.
Veja bem: a mentalidade colonial fez muitos de nós acreditar
que, se você se erguer e deixar sua luz brilhar,
a minha certamente vai se apagar.
Sob o disfarce de formar cidadãos resilientes,
obedientes, do tipo “de bem”,
eles nos enganam até a submissão,
recolonizam nossas mentes.
Nesta segunda-feira, aqui, me perguntando:
se conseguirei manter comida na mesa.
Diga-me agora, seguidor cristão:
como é mesmo que você ama o seu próximo?

Natalia Álvarez-Figueroa (3/2/25)

O poema acima nasceu de uma dor profunda e visceral que existia antes da minha cirurgia. A sincronicidade no momento em que minha fisicalidade coincidiu com minha humanidade foi mais um lembrete das ferramentas do poder colonial que exigem nossa fragmentação para sermos categorizados como indivíduos que contribuem para a sociedade. Expressões coloquiais norte-americanas como: “supere a dor,” “levante-se com suas próprias forças,” “não seja o elo mais fraco,” “sem dor, sem ganho” vêm à mente. Compartilhar o poema é um ramo de oliveira de esperança para nos lembrar do dano que a mentalidade colonial nos impõe como profissão. A mentalidade colonial muitas vezes coexiste com uma mentalidade de escassez e um modus operandi individualista. As concepções eurocêntricas de saúde mental muitas vezes patologizam excessivamente e, portanto, restringem e controlam inerentemente as comunidades BIPOC. Essas concepções eurocêntricas do que é definido como tratamento são imposições que levam a resultados mais pobres entre os clientes negros e indígenas de cor (BIPOC), devido às avaliações racializadas que muitas vezes levam a diagnósticos estatisticamente mais elevados em pessoas negras. As práticas eurocêntricas de saúde mental são frequentemente baseadas no colonialismo; a separação da mente e do corpo. Arañez (2023) destaca que, dentro desse individualismo, todos existem dentro de um espectro de competição, o que significa inerentemente que alguns de nós precisariam trabalhar o dobro para chegar tão longe.

Ao examinar e romper a liderança na academia, também devemos chamar a atenção para alguns dos danos que nossas respectivas etnias dentro de nossa demografia perpetuam. Temos reverência pela importância da autorreflexão e da responsabilidade dentro de nossos próprios espaços. Consequentemente, compartilharemos perspectivas derivadas de experiências vividas de anti-negritude e do apagamento das vozes indígenas, dada nossa posição única dentro das comunidades latino-americanas. Também reconhecemos as implicações de como nossa visão de mundo é moldada e vivenciada, dada a localização geográfica de nosso passado e presente. O chamado à ação inclui o nosso próprio.

Se você sabe alguma coisa sobre mim (Natalia), provavelmente está ciente da minha abordagem aberta em reconhecer a política na terapia como clínica. Minha capacidade atual de navegar pelos espaços veio como resultado de uma espécie de metamorfose, na qual me desfiz e depois me reconstruí intencionalmente para me tornar um indivíduo congruente, porque é isso que se alinha com meu espírito. É assim que quero navegar pelo mundo, portanto, rejeito a ideia de ser uma clínica em branco. Não me sinto bem sendo fragmentada. Nasci e fui criada em Porto Rico e, sem fornecer uma árvore genealógica, que infelizmente não possuo na íntegra, vou compartilhar que minha mãe nasceu na Espanha, de onde era minha avó. Meu avô materno era um porto-riquenho negro, que também se tornou o primeiro pneumologista da ilha. Ele fazia questão de garantir que as mulheres da nossa família recebessem educação, o que levou todas as suas filhas a se tornarem advogadas. Meu pai biológico era um porto-riquenho negro, com pais negros. Sou a primeira da minha geração e—surpresa!—não sou advogada. Sou, porém, uma defensora, mas levei muitos anos para encontrar dentro de mim uma voz que ressoasse com a forma como eu queria navegar pelos espaços dos quais fazia parte. Passei grande parte da minha juventude defendendo inconscientemente minha negritude em uma ilha caribenha, e a ironia me escapou até que me abalou profundamente, quando saí de casa. No exemplo a seguir, compartilho informações pertinentes sobre a história colonial de Porto Rico, as comunidades taínas que já viviam dentro de seu sistema, língua e cultura antes de Colombo acidentalmente encontrar a ilha e reivindicar sua descoberta, e então optar por sequestrar, traficar e escravizar nossos parentes africanos.

Tive várias experiências explícitas de anti-negritude enquanto crescia. Dói-me partilhar que elas ocorreram tanto dentro da minha família como em muitos outros espaços que frequentei na comunidade. Minha aparência física, meus maneirismos e meu uso da voz eram constantemente criticados através de uma lente eurocêntrica. De muitas maneiras, isso me levou a uma jornada de autoapagamento, sob uma mentalidade colonial que mantinha visões monolíticas e estereotipadas de como uma latina e acadêmica deveria se parecer e agir.

Um exemplo específico do primeiro ocorreu durante a oitava série, em nossa aula de estudos sociais. Imagine uma pequena turma de dezenove pessoas, todas na oitava série, prestando atenção à nossa professora de estudos sociais: uma mulher porto-riquenha, magra, heterossexual e de aparência branca. Estávamos aprendendo sobre as raças que fazem parte da nossa etnia porto-riquenha, a razão pela qual eu e meu primo de aparência branca podemos ser parentes biológicos próximos. A professora contou que, quando o colonizador chegou e colonizou nossas terras, ele também trouxe e escravizou africanos. Nossa terra já era ocupada pelos taínos, uma tribo indígena do Caribe. A professora então disse: “temos alguém aqui em nossa turma que é um ótimo exemplo de nossa ascendência africana. Ela tem a cor da pele, o tipo de cabelo, a estrutura óssea e a proporção entre cintura e quadril. Natalia, você pode se levantar para que a turma veja você?” Como aluna da oitava série, fiz o que me mandaram. Fiquei ali parada para ser observada, sentindo-me diferente na ilha caribenha onde nasci e fui criada. Nenhum aluno de aparência espanhola ou taína foi solicitado a se levantar e ser observado.

Como lembrete, o anti-negrismo pode se manifestar de inúmeras maneiras, o que reitera que a intenção de não causar danos não impede que eles ocorram. Por exemplo, neste caso,

a pedagogia colonial determina como a história é ensinada e afirma celebrar a herança, mas acredite quando digo que não me senti celebrada. Além disso, ao nos inclinarmos para o desconforto necessário para o crescimento e a expansão além da maneira colonial binária de pensar, também observamos que fazer parte de um grupo ou identidade marginalizada não determina ou dita a exclusão do exercício da mentalidade colonial na vida cotidiana. Esse chamado à ação exige questionamento crítico e humildade cultural ao construir o que chamamos de espaços de aprendizagem dentro da academia.

De acordo com meu anuário do último ano, minha frase mais comum era: *la esclavitud se acabó*, que se traduz como “a escravidão acabou.” Eu usava essa frase frequentemente como resposta às pessoas que literalmente me pediam qualquer trabalho extra. Esse anuário também dizia que eu queria ser uma grande musicoterapeuta e que um dos clubes dos quais eu fazia parte era o “Pró-vida.” Felizmente, apenas uma dessas coisas continua sendo verdade. Passei dois anos no conservatório de música em Porto Rico, estudando educação musical, antes de transferir meus 90 créditos de Porto Rico para um diploma em musicoterapia nos Estados Unidos, como a nerd orgulhosa que sou.

Olho para o termo *familismo* e vejo sua evolução ao longo das gerações, desde a lealdade que significa submissão ou resignação às necessidades da família e às instruções dos mais velhos, até querer mais opções para sua filha e chegar a um espaço onde redefinimos a lealdade ao quebrar ciclos inúteis. Esta é uma versão simplificada de algumas dinâmicas que aprendi e vivi com minha família.

Vamos avançar alguns anos até quando, de repente, me tornei uma profissional bilíngue certificada, trabalhando principalmente com pessoas de diferentes gerações e países de origem que falavam espanhol. Muitas vezes me perguntava: como traduzir o que aprendi para aplicar ao meu povo? O que está faltando no meu conjunto de conhecimentos profissionais que me impede de me tornar a terapeuta transformadora que pretendo ser? Foi aí que minha jornada de desafios e desaprendizagem realmente começou. Algumas pessoas dizem que “primeiro você precisa conhecer as regras para poder quebrar algumas delas,” mas minha pergunta era “quem escreveu as regras; a quem elas beneficiam e quais vozes raramente são incluídas?”

Percebi o quanto a academia pode ser redutora e colonial. Mais tarde, percebi a conexão de que essa mentalidade colonial, frequentemente presente na academia, existe como uma forma de assimilação: misture-se e, se nada mais, não perturbe o status quo. Pode ser uma surpresa para alguns que, embora eu me apresentasse como o que na época era frequentemente rotulado como “forte ou intimidador,” eu não me sentia confortável causando esse tipo de agitação. Esses rótulos, que muitas vezes marcam tendências coloniais e racistas, também são bastante prevalentes no mundo profissional e acadêmico, especialmente em espaços predominantemente brancos. Se você já fez uma das versões do meu curso para aspirantes a aliados brancos, está familiarizado com o conceito de “mulher de cor problemática” na força de trabalho. Essa descrição foi originalmente publicada pela aliança progressista Safehouse for Nonviolence (Aliança Progressista pela Não Violência) e posteriormente adaptada pela organização COCo durante sua pesquisa sobre racismo. Convido o leitor a procurar essa ferramenta, pois não a estou disponibilizando aqui. Para resumir, essa ferramenta descreve uma dinâmica comum no setor sem fins lucrativos, que muitas vezes é liderado por brancos. Ela destaca a fase inicial de lua de mel e como a tokenização, as ofensas repetitivas, a negação do racismo e a retaliação são experiências muito comuns às quais uma mulher negra é submetida sob o pretexto de um espaço profissional. A ideia de que podemos expressar essas preocupações e que elas serão ouvidas, muito menos abordadas e corrigidas, raramente é verdadeira. Eu queria terminar a escola, passar no vestibular, fazer pós-graduação e continuar construindo minha vida. Entre as minhas maiores prioridades estavam deixar minha mãe orgulhosa e ser vista como uma excelente aluna. Criar ondas tornaria minha jornada mais difícil, e eu já estava longe de casa. Mais tarde, percebi que, ao criar ondas de perturbação diante da presença de

representações errôneas e da ameaça de assimilação acadêmica, eu encontraria meu caminho de volta para casa, independentemente de onde estivesse.

É por causa de quem eu sou que faço este trabalho. E é por causa deste trabalho que sou quem sou.

Eu (Ezequiel) fico triste por continuar a publicar reflexões sobre ter sido supervisionado e ensinado, em cursos de musicoterapia, exclusivamente por terapeutas e professores brancos. Décadas de barreiras institucionais agora se refletem na composição de nossa profissão—que afirma servir a todos, mas representa poucos. Durante anos, não tinha certeza da minha capacidade de trabalhar em ambientes médicos pediátricos com crianças deslocadas em hospitais, porque nunca tinha visto alguém que se parecesse minimamente comigo nessa função.

Ao observar as novas gerações de estudantes de musicoterapia nas salas de aula, tenho esperança de como a profissão nos Estados Unidos irá mudar. Para que isso aconteça, deve haver uma liberação do territorialismo inerente que é predominante nas instituições acadêmicas e profissionais. Devemos abordar uma reimaginação e recriação de nossas infraestruturas institucionais com urgência crítica. A renovação e a regeneração podem vir da limpeza de um campo com raízes podres.

Costumo lembrar de uma experiência inicial no meu primeiro local de estágio, em uma instituição de vida assistida para idosos na zona rural da Carolina do Norte. Sentei-me diante de um grupo de idosos da Geração Silenciosa cantando “This Land Is Your Land” enquanto eles sorriam e seguravam seus pandeiros infantis e instrumentos de chocalho. Ainda é difícil descrever o que estava acontecendo como terapia ou cura para qualquer pessoa envolvida.

Esse momento, como estudante do primeiro ano de estágio, foi um dos mais formativos da minha vida adulta. Foi uma introdução ao aprendizado sobre o mito da neutralidade e as tentativas ocidentais de transformar indivíduos em seres mercantilizados. Lembro-me da complicação que a versão mais jovem de mim mesma frequentemente sentia—esperando o feedback mais elogioso de um supervisor branco, fornecendo um frágil recipiente terapêutico para clientes brancos e comprometendo partes musicais, linguísticas e outras de mim mesma. O sacrifício da minha identidade indígena foi bem recebido e incentivado. Como eu gostaria de voltar àquela época para confortar e desafiar aquela criança fronteiriça.

Juntos, apresentamos essas reflexões como um espelho para outras pessoas que ocupam posições de poder e aprendizagem. Que essas reflexões provoquem a ruptura de padrões prejudiciais incorporados à forma como definimos, ocupamos espaço e mantemos hierarquias de poder no campo da musicoterapia.

Nossos Ritmos, Nosso Som

Aqui estão algumas áreas de reflexão, desconstrução e expansão convidadas, que derivam de nossas experiências na escola, do corpo de conhecimento pré-existente e além:

Nossa musicalidade e conhecimento musical precisam ser fomentados e priorizados—a tokenização minimizou a experiência da vida real do que a música significa para nós e nossas comunidades. As experiências mais curativas na música estão na comunidade com as pessoas e com a música que é complexa e comovente. Como podemos fomentar uma aparência dessa musicalidade em nossos ambientes acadêmicos quando estamos preocupados com listas de verificação de proficiência eurocêtricas? Além disso, somos capazes de permitir que nossos egos fiquem em segundo plano quando a música é melhor apreciada como originalmente gravada pelo artista? Podemos expandir o pensamento binário colonial e abrir espaço para múltiplas verdades que nos levam a ter compromisso com a musicalidade e reconhecer as instâncias em que a ação ética é apertar o play?

Podemos aceitar o desconforto de que, às vezes, não temos o direito de fingir que podemos reproduzir alguns sons, nem o direito de simplificar a música que de forma alguma nos deve acesso e propriedade?

Vamos falar sobre repertório; em vez de identificar três músicas para representar a música latina dentro do aprendizado funcional dos nossos três instrumentos obrigatórios, cedemos o poder dessa decisão a alguém desse grupo para liderar. Ao fazer essa mudança intencional, desafiamos explicitamente e expressamos a consciência das nossas próprias limitações e convidamos o aprendizado colaborativo para expandir o repertório. Um exemplo de abordagem seria criar uma lista de gêneros com conexões com diferentes países de língua espanhola e utilizá-la como um documento de trabalho, para que os alunos pesquisem e identifiquem várias músicas para aprender. O processo de pensamento e a intencionalidade dessa abordagem permitem que conexões significativas sejam feitas com a música, bem como uma aquisição mais autêntica de conhecimento.

Nunca na minha vida eu (Natalia) tinha ouvido “De Colores,” e minha avó e minha mãe provavelmente cantavam “Bésame Mucho” e “La Bamba.” Mas de forma alguma eu diria, aos 20 anos, que me sentia representada por essas canções. Nem muitas das pessoas com quem eu buscava estar ao lado durante suas jornadas de cura. Aquele momento de percepção em que me deparei com a realidade de que não estava preparada para oferecer um espaço onde pessoas que compartilhavam muitas identidades marginalizadas comigo pudessem se sentir vistas, representadas e dispostas a correr o risco de compartilhar quem são e o que passaram. Eu havia adquirido um conhecimento que criava distância entre nós. Eu estava participando das estruturas coloniais de poder que “alteravam” pessoas que são exatamente como eu. Mais recentemente, Asch-Ortiz et al (2023) compartilham um belo termo que permite o oposto, nos unindo: “uma canção de intervenção familiar” (p. 206) e, como latina, interpretei isso como “uma canção que faz parte de mim.” A dinâmica relacional descreveu os desafios das dinâmicas de poder inerentes à musicoterapia e destacou a beleza de ter autonomia, representatividade e familiaridade como cliente em musicoterapia. Que possamos criar intencionalmente mais momentos como esses.

Em um dos cursos do meu (Natalia) doutorado, nos pediram para assistir e refletir sobre uma palestra de Chimamanda Ngozi Adichie, uma romancista cuja mensagem no TED Talk também era um chamado à ação e à responsabilidade. Era a segunda vez que eu assistia, desde que foi ao ar em 2009, mas o impacto de suas palavras se regenerou como se eu estivesse ouvindo pela primeira vez. Ngozi (2009) compartilhou algumas de suas experiências ao interagir pela primeira vez com americanos que sabiam que ela era nigeriana. Eles já tinham uma ideia, uma história de quem e como ela era. Essa história retratava seu povo como algo singular, e era isso que seu povo havia se tornado, porque há poder em quem conta a história e pode torná-la a história definitiva de um grupo. Ngozi acrescentou que visões estreitas de um grupo podem quebrar a dignidade das pessoas, observando que os Estados Unidos da América detêm o poder que os impede de se tornarem vítimas de uma história única, ao mesmo tempo em que as disseminam. Ngozi encerrou sua palestra no TED com palavras que permanecem ressonantes em minha consciência: “Histórias únicas criam estereótipos, e estereótipos são incompletos. Rejeite uma história única, recupere uma espécie de paraíso.”

Também convidamos à autorreflexão ativa e à investigação crítica sobre como criamos ou digerimos informações em espaços de aprendizagem para profissionais emergentes e estabelecidos. Vindo de uma perspectiva de saúde mental como clínica que buscou treinamento fora da musicoterapia e práticas combinadas para melhor atender aos grupos BIPOC (Natalia), nossa profissão fica para trás quando se trata de justiça social. Este apelo à ação não busca nem fingir ter as respostas, mas convida a perguntas diferentes e incômodas e exorta a alta porcentagem de profissionais motivados pelo colonialismo a desconstruir e ser curioso.

Chamada à Ação

Ao refletirmos sobre nossas próprias práticas e o realinhamento contínuo de nossas perspectivas decoloniais, somos confrontados com lembranças diárias de nossa existência como uma forma de resistência. Atualmente, ambos vivemos na costa leste dos EUA, mas nossas raízes estão em ecossistemas mais quentes. Ao mesmo tempo, estamos empenhados em nos livrar das camadas que foram tecidas em nossas formas de pensar, tendo crescido em lares e comunidades latinas.

Dado que a mentalidade colonial prospera com o direito ao conforto, ecoamos Fisher e Leonard (2022) ao destacar a necessidade de perturbar, interromper e fazer perguntas fundamentais sobre nossas próprias percepções ao trabalhar com indivíduos marginalizados. Para obter mais informações e insights sobre características coloniais como o direito ao conforto, incentivamos o leitor a mergulhar na obra de Tema Okun e Kenneth Jones, em seu livro intitulado “Dismantling racism” (Desmantelando o racismo), publicado em 2001. Também concordamos com o trabalho de Norris (2016, 2019, 2021), que destaca algumas das lacunas na estrutura e na prática de nossa profissão, especificamente no que se refere às críticas em torno das práticas anti-negritude que resultam da ideia de despolitização da musicoterapia. Reiteramos que todas essas publicações destacam a importância da cultura ao rotular a estética na música, e concordamos com isso.

A ascensão do autoritarismo e do fascismo continua em todo o hemisfério ocidental, mas sabemos que a luta pelo poder no colonialismo, ironicamente, não reconhece limites geográficos. Muitos musicoterapeutas baseados nos Estados Unidos podem considerar os conflitos na América Latina irrelevantes para sua prática, mas nosso desafio para eles é este: e se dedicássemos nossas energias a aumentar as vozes que são mencionadas, mas raramente seguram o microfone para contar suas próprias histórias? Pense nos padrões de imigração e nas histórias compartilhadas de colonização em muitas comunidades latino-americanas nos Estados Unidos. Como nossa profissão cresceria e se expandiria em impacto benéfico se nosso código de ética deixasse menos espaço para interpretação e mais para responsabilidade? Como uma mudança energética em direção a práticas anticoloniais ajudaria a musicoterapia como profissão em direção a um futuro sustentável?

Juntos, vamos considerar como o conhecimento e as práticas indígenas podem nos ajudar a sustentar um caminho a seguir. Para que uma mudança crítica ocorra, deve haver um reequilíbrio, um desmantelamento que é necessário e inevitável para a profissão. Thomas & Norris (2021) e Leonard & Fischer (2022) reiteram a importância de os musicoterapeutas irem além das boas intenções e seguirem adiante com as mudanças necessárias para destruir as mensagens prejudiciais que exigem a assimilação ao que as estruturas coloniais consideram palatável. Que forma assume a prática indígena de queimadas culturais na profissão que tanto prezamos? Como uma destruição controlada pode permitir a regeneração do nosso futuro coletivo? A narrativa que dá à profissão a percepção errada de que nós (comunidades negras e indígenas) devemos ser controlados, censurados, corrigidos, apagados e apropriados em nome da higienização para um espaço terapêutico seguro deve ser destruída. Com essa morte, criaríamos um espaço que promove e convida à plenitude de nossa humanidade, nosso processo criativo, nossa narrativa, nossa linguagem, nossas experiências vividas e nossa autonomia. Sem o policiamento colonial, a musicoterapia não seria apenas sobre ajudar e curar; a musicoterapia poderia ser sobre libertação.

Sobre os Autores

Natalia Álvarez Figueroa: Musicoterapeuta bilíngue, nascida e criada em Porto Rico. Ela se concentra em prestar serviços na área de trauma, trabalhando com sobreviventes de

violência doméstica, tráfico humano, tortura física e muitos outros. Natalia é uma afro-latina queer, AuDHDer, mãe, educadora e defensora da humildade cultural. Atualmente, é candidata a um doutorado em educação para a primavera de 2027, no Peabody College da Universidade Vanderbilt.

ezequiel bautista (ele/él) é um musicoterapeuta indígena xicanx com experiência trabalhando com jovens deslocados em contextos médicos e de imigração. Além disso, ele trabalha com crianças deficientes em ambientes educacionais e de saúde mental. Seu trabalho está enraizado em fronteiras e abordagens antiopressivas de prática e pesquisa.

Referências ¹

- American Music Therapy Association. (2014). *Workforce Analysis [Análise da força de trabalho]*. <https://www.musictherapy.org/assets/1/7/14WorkforceAnalysis.pdf>
- American Music Therapy Association. (2018). *Workforce Analysis [Análise da força de trabalho]*. <https://www.musictherapy.org/assets/1/7/18WorkforceAnalysis.pdf>
- American Music Therapy Association. (2021). *Workforce Analysis [Análise da força de trabalho]*. https://www.musictherapy.org/assets/1/7/2021_Workforce_Analysis_final.pdf
- Arañez, S. (2023, February 24). *Decolonizing practices for mental health: Moving BIPOC clients towards liberation and healing [Práticas de descolonização para a saúde mental: Levando os clientes BIPOC à libertação e à cura]* [Continuing education session]. Psychotherapy Networker. <https://catalog.psychotherapynetworker.org/item/decolonizing-practices-mental-health-moving-bipoc-clients-liberation-healing-125958-tabDescription>
- Asch-Ortiz, G., Miller, S., & Patch, A. (2023). “Luchando tú Estás”: Interdisciplinary collaboration in the pediatric intensive care unit [“Luchando tú Estás”: Colaboração interdisciplinar na unidade de terapia intensiva pediátrica]. Em N. Potvin & K. Myers-Coffman (Eds.), *Portraits of everyday practice in music therapy* (pp. 203–214). Routledge. <https://doi.org/10.4324/9781003123798>
- Chachagua, F. (2008). Latin American essay: Literary constructions of cultural identity [Ensaio latino-americano: Construções literárias da identidade cultural]. *The International Journal of Bahamian Studies*, 10, 23–28. <https://doi.org/10.15362/ijbs.v10i0.37>
- Dunbar-Ortiz, R. (2014). *An indigenous people’s history of the United States [A história dos povos indígenas dos Estados Unidos]*. Beacon Press.
- Edwards, J. (2024). A commentary on “‘Music therapy is the very definition of white privilege’: Music therapists’ perspectives on race and class in UK music therapy” (Mains et al.) [Um comentário sobre “A musicoterapia é a própria definição do privilégio branco”: Perspectivas dos musicoterapeutas sobre raça e classe na musicoterapia no Reino Unido” (Mains et al.)]. *Approaches: An Interdisciplinary Journal of Music Therapy*, 17(2), 311–316. <https://doi.org/10.56883/aijmt.2024.408>
- Eslava-Mejia, J. (2021). Unheard voices and the music of resistance: Social turmoil in Colombia [Vozes não ouvidas e a música da resistência: Agitação social na Colômbia]. *Voices: A World Forum for Music Therapy*, 21(2). <https://doi.org/10.15845/voices.v21i2.3349>
- Honig, T., & Hadley, S. (2024). The myth of political neutrality [O mito da neutralidade política]. *Voices: A World Forum for Music Therapy*, 24(1).

<https://doi.org/10.15845/voices.v24i1.4187>

- Kimmerer, R. W. (2013). *Braiding sweetgrass: Indigenous wisdom, scientific knowledge, and the teachings of plants* [Trançando capim-doce: Sabedoria indígena, conhecimento científico e os ensinamentos das plantas]. Milkweed Editions.
- Leonard, H. (2020). A problematic conflation of justice and equality: The case for equity in music Therapy [Uma fusão problemática entre justiça e igualdade: O caso da equidade na musicoterapia]. *Music Therapy Perspectives*, 38(2), 102–111. <https://doi.org/10.1093/mtp/miaa012>
- Leonard, H., & Fisher, C. (2022). Unsettling the classroom and the session: Anti-colonial framing through hip hop for music therapy education and therapeutic work therapy [Desestabilizando a sala de aula e a sessão: Enquadramento anticolonial através do hip hop para a educação em musicoterapia e o trabalho terapêutico]. Em Colonialism and Music Therapy Interlocutors (CAMTI) Collective (Ed.), *Colonialism and music therapy* (pp. 305–334). Barcelona.
- Mignolo, W. D. (2005). *The indigenous diaspora: A decolonial view* [A diáspora indígena: Uma visão descolonial]. University of Minnesota Press.
- Mullan, J. (2023). *Decolonizing therapy: Oppression, historical trauma, and politicizing your practice* [Terapia descolonizadora: Opressão, trauma histórico e politização da sua prática]. W. W. Norton.
- Ngozi Adichie, C. (2009, July). *Chimamanda Ngozi Adichie: The danger of a single story* [Chimamanda Ngozi Adichie: O perigo de uma única história]. YouTube. <https://youtu.be/D9Ihs241zeg?si=RE6ycxgY3vRroNGM>
- Norris, M., Williams, B., & Gipson, L. (2021). Black aesthetics: Upsetting, undoing, and uncanonizing the arts therapies [Estética negra: Perturbando, desfazendo e descanonizando as terapias artísticas]. *Voices: A World Forum for Music Therapy*, 21(1). <https://doi.org/10.15845/voices.v21i1.3287>
- Thomas, N., & Norris, M. S. (2021). “Who you mean ‘we?’” Confronting professional notions of “belonging” in music therapy [“A quem você se refere com ‘nós?’” Confrontando noções profissionais de “pertencimento” na musicoterapia]. *Journal of Music Therapy*, 58(1), 5–11. <https://doi.org/10.1093/jmt/thaa024>
- Truss, J. (2019, July 18). *What happened when my school started to dismantle white supremacy culture (opinion)* [O que aconteceu quando minha escola começou a dismantelar a cultura da supremacia branca (opinião)]. <https://www.edweek.org/leadership/opinion-what-happened-when-my-school-started-to-dismantle-white-supremacy-culture/2019/07>

¹ Incluímos referências que não citamos diretamente, mas que consideramos imperativo incluir como trabalho comprovado de nossos parentes, e para incentivar o leitor a se envolver em uma exploração curiosa e conexão com os referidos trabalhos.